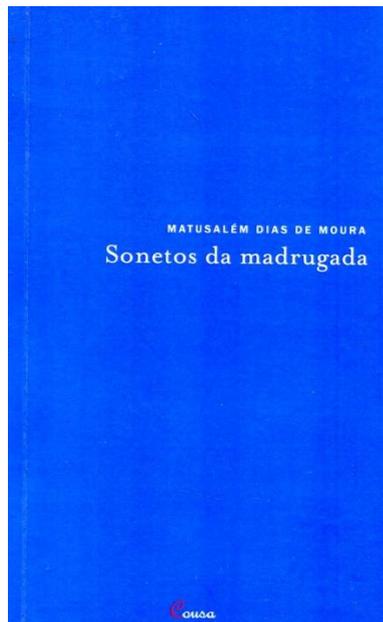


MOURA, MATUSALÉM DIAS DE.
SONETOS DA MADRUGADA. VITÓRIA:
COUSA, 2020.



(Foto de Tiago Zanoli)

Matusalém Dias de Moura*

* Escritor (Irupi, ES, 1959), autor de *Menino de Cachoeirinha*, 1993; *Varal partido*, 1998; *17 Poemas da infância*, 1999; *Vento rasteiro*, 1999; *O silêncio dos sinos*, 2000, *Poemas do Caparaó*, 2000, *Crônicas da montanha e do mar*, Prêmio Rubem Braga da UBE, 2006; *Minha mãe lavadeira*, 2008; *Água de nascente*, 2009; *Flagrantes da rua*, 2009; *História da criação e da instalação da Biblioteca de Iúna*, 2010; *Alguma coisa da memória*, 2011; *Os olhos de Lúcia*, 2011; *Carta a um lavrador*, 2011, *Grãos de terra*, 2013; *Cantigas de fim de tarde*, 2013; *A lua na serra* (haikais), 2013; *Chuviscos na vidraça*, 2013, *Poemas de amor imenso*, 2014, *Córrego dos coelhos. Poemas*, 2018, *Benquerença. Trovas*, 2019, *Romanceiro da Vila. Poema*, 2019, *A névoa, o menino e o embornal*, 2020, *Sonetos da tarde amena*, 2020, *Salmos da montanha*, 2021, entre outros. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.

Desde que li Bilac – e isso quando eu ainda era quase menino, em Córrego dos Coelhos, Irupi –, o soneto passou a ser a modalidade poética de minha predileção, tanto para ler quanto para escrever, talvez pelo seu delicioso ritmo musical, que nos tira a alma do corpo durante a leitura, tão bem nos faz, tão alto nos eleva no mundo da beleza.

Já escritor de poemas livres, àquela época distante, nos anos 1969-1970, logo que conheci o soneto, por volta de 1972, no início do curso ginasial, passei também a praticá-lo, ainda cheio de imperfeições. Com o tempo, fui aperfeiçoando-me e, hoje, já não receio dizer que o faço com alguma facilidade, reconhecendo, contudo, que há quem o faça melhor que eu.

Escrevi muitos (mais de quinhentos ao correr da vida até hoje), enfeixados em cinco livros. *Sonetos da madrugada* é o terceiro deles. Todos à moda antiga, em versos decassílabos sáficos e heroicos (mais heroicos que sáficos), forma muito praticada pelos antigos mestres Petrarca e Camões. E os escrevi à moda antiga, primeiro, em homenagem aos grandes mestres dessa difícil arte do soneto e, depois, em defesa da ideia de que o soneto não deve aceitar ser modernizado, uma vez que o modernismo, na poesia, surgiu para combater, principalmente, o soneto. Assim, deve o soneto, penso eu, muito modestamente, continuar sendo composto nos moldes petrarquiano e camoniano. E que arranjem outro nome para o tal "soneto moderno" que, também, não deixa de ser arte poética.

Publicado pela editora Cousa, em 2020, numa edição reduzida de apenas cem exemplares, *Sonetos da madrugada* é um livro do qual me orgulho e gosto muito. São cento e um poemas (sonetos) de temas variados: amor com "a" minúsculo (humano, carnal, entre homem e mulher) e com "A" maiúsculo, transcendente, divino, (o Deus da minha fé, a natureza, a vida, a morte, o sorriso da mulher amada, a mulher amada, o rio, os passarinhos e até um cãozinho vira-latas), predominando, contudo, o tema "amor" e todas as suas formas de amar.

A maioria desses cento e um sonetos diz de meus amores: os vividos, os apenas sonhados que nasceram e morreram na minha imaginação, e os desfeitos (fracassados). Todos me alegraram e me doeram. Alguns mais, outros menos. Houve lágrimas na composição de alguns, não posso negar. Muitos, escrevi-os quando despertava antes da hora, perdia o sono e ficava esperando o dia nascer, rolando na cama. Aí, aquietava-me e deixava o pensamento ir ao encontro da Poesia. A mente, então, se abria e os recebia. Por isso, o título *Sonetos da madrugada*.

Mas nem todo livro – é bom que fique esclarecido – trata de uma miniautobiografia sentimental do autor. Não. Há sonetos que são resultado de experiências por outros vividas e a mim contadas. E, ainda, há aqueles outros – e aqui fica registrada a verdade – que são obras da minha imaginação vadia, ficção, portanto, o que, acredito, sói acontecer também com outros poetas. Acredito, apenas acredito. Certeza não tenho de nada. Se com outros não acontece, comigo é um fenômeno corriqueiro, normal, por assim dizer.

Fosse eu mesmo, autodidata em literatura – minha formação veio do Direito e minha atuação profissional inclui advocacia, assessoria jurídica e, atualmente, procuradoria da Assembleia Legislativa do Espírito Santo –, classificar, no todo, os meus *Sonetos da madrugada*, diria que é "um livro lírico-sentimental, quase autobiográfico". Ou, então, "biografia de um coração", pois se trata, antes de tudo, de um livro para ser lido sentado à sombra de uma árvore, ao som do vento, ou estirado sobre a areia de uma praia deserta, ouvindo a música das ondas, numa leitura vagarosa, somente com os olhos da alma. Tenho para mim que, nessas condições, o leitor se despirá de todas as ambições materiais e se entregará totalmente aos sonhos e sorrisos do espírito, num indelével deleite. Não é por ser meu filho, mas é um bom livro de poesia esse *Sonetos da madrugada*, modéstia à parte. Pelo menos até prova em contrário.

Logo depois de prontos, ansioso por saber a receptividade dos leitores, publiquei vários deles no Facebook, e a repercussão entre aqueles que os leram não poderia ter sido melhor para mim. Foram muitos os comentários elogiosos que receberam, do mais simples leitor ao abalizado professor de literatura de algumas Faculdades de Letras.

Finalmente, voltando ao título, cumpre-me informar que costumo nominar meus livros de sonetos com o nome da parte do dia em que foram escritos, tais como: *Sonetos insones*, *Sonetos da tarde amena*, *Sonetos do pôr do sol*, *Sonetos da manhã de inverno* – este, prestes a sair. Somente o primeiro leva o nome de *Sonetos*, apenas. É que não imaginava que iria me apaixonar e escrever os outros tantos que escrevi.

Recebida em: 19 de agosto de 2024.
Aprovada em: 24 de agosto de 2024.